

Os programas de informação no segundo canal da RTP: de 1992 a 2001¹

*Information programmes on RTP's second
channel: from 1992 to 2001*

Anabela de Sousa Lopes

Escola Superior de Comunicação Social
(ESCS/IPL) e ICNOVA
alopes@escs.ipl.pt
ORCID ID: [0000-0002-6587-1427](https://orcid.org/0000-0002-6587-1427)

Manuel João de Carvalho Coutinho

ICNOVA — FCSH
manueljoaocc@gmail.com
ORCID ID: [0000-0001-6562-0188](https://orcid.org/0000-0001-6562-0188)

Resumo: Este artigo resulta de uma parte da investigação em curso relativa à caracterização e evolução dos programas de informação (não são considerados os noticiários) do horário nobre da atual RTP2 — segundo canal televisivo a surgir em Portugal e cuja designação variou ao longo do tempo —, que contempla a data de início das suas emissões, 1968, até ao presente. A análise aqui apresentada tem como enquadramento temporal os dez primeiros anos de coexistência da RTP com a SIC e a TVI. Este recorte temporal justifica-se pelo facto de esses dez anos serem especialmente marcantes, pois a entrada de canais privados no campo audiovisual português provocou mudanças na RTP. Realizou-se a caracterização dos programas de informação do horário nobre da RTP2 (como presentemente é denominada), tendo como coordenadas principais a duração, o formato, o/a jornalista que conduz o programa, a temática. Este trabalho permitiu retratar a produção jornalística do segundo canal da RTP, na primeira década de concorrência com os dois canais privados. Concluímos que, ao longo do tempo, o segundo canal consolidou o seu posicionamento como alternativa à RTP1, SIC e TVI, demarcando-se, essencialmente pelas temáticas escolhidas, dos programas de informação do *prime time* dos três canais referidos.

Palavras-chave: *telejornalismo; programas de informação; RTP2; prime time.*

Abstract: *This article states part of the findings concerning a research about the characterization and evolution of information programmes (not considered the daily news) of prime time on the current RTP2 — the second television channel to appear in Portugal and whose name has varied over time —, which considers the start date of its broadcasts, 1968, until the present. The analysis presented here is based on the time frame of the first ten years of RTP's coexistence with SIC and TVI. This time frame is justified by the fact that these ten years are especially noteworthy, as the entry of private channels in the Portuguese television field caused changes in RTP. The characterization of RTP2's prime time information programmes was carried out having as main coordinates the duration, the format, the journalist who conducts the program, and the theme. This work allowed to portray the journalistic production of the second channel of RTP, in the first decade of competition with the two private channels. We conclude that, over time, the second channel consolidated its position as an alternative to RTP1, SIC and TVI, assuming its singularity (essentially by the themes chosen) when compared to the other three channels mentioned.*

Keywords: *television journalism; information programmes; RTP2; prime time.*

Introdução

A análise que apresentamos é um segmento da investigação em curso sobre o segundo canal da RTP — considerando o período de 1968 a 2010 -, mais concretamente sobre os programas de informação difundidos em horário nobre, após os telejornais. Do período de vida desse canal, já com 52 anos, elegemos, para o presente estudo, a primeira década (aproximadamente) de coexistência entre RTP, SIC e TVI. Em rigor, incluímos o ano de 1992, data de arranque das emissões da SIC, ainda sem a TVI, que iniciou as emissões um ano mais tarde. Decidimos não iniciar a investigação no ano de 1993 porque nos interessou analisar o posicionamento da RTP2 imediatamente a partir do ano em que a empresa estatal deixa

1 Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto PTDC/COM-JOR/28144/2017 — Para uma história do jornalismo

de ter o monopólio da produção televisiva nacional. A escolha desse período justifica-se pelas transformações ocorridas na área do jornalismo televisivo, marcadas numa primeira fase pela forte presença de programas de grande informação em horário nobre, na RTP1, SIC e TVI; e numa segunda fase, a partir do final dos anos 90, pelo declínio da informação semanal no *prime time* das televisões generalistas.

Claramente, a RTP1 assumiu-se como concorrente dos canais privados e entrou na luta pelas audiências a partir do início das emissões da SIC, primeiro canal de televisão privada em Portugal, que iniciou as suas emissões em outubro de 1992. Assim, para compreendermos a trajetória do segundo canal da RTP no período de 1992 a 2001 é necessário contextualizá-lo no panorama da coexistência da RTP1, SIC e TVI.

Pretendemos aferir qual o investimento realizado na investigação jornalística, que implica um tempo significativo de elaboração, bem como meios humanos e técnicos mobilizados para um jornalismo de maior profundidade, comparativamente com a produção jornalística destinada aos telejornais.

Interessou-nos perceber se a grelha de programas de informação do segundo canal mimetizou a oferta da RTP1, ou se foi orientada para ser uma alternativa; se a disputa pelas audiências entre a estação pública e as privadas se refletiu nas opções tomadas para o seu menu de programas de informação no *prime time*.

Marco teórico e estado da questão

Têm sido vários os contributos para a reflexão e análise das problemáticas que têm como foco a televisão. Mesmo quando o objetivo principal das investigações não tenha sido o de contribuir especificamente para a história da televisão no nosso país, muitos dos trabalhos realizados apresentam uma abordagem diacrónica dos caminhos e das mutações ocorridos no universo televisivo português.

Neste sentido, destacamos alguns autores que se têm dedicado à investigação na área dos estudos sobre a televisão portuguesa onde, inevitavelmente, a história da RTP e dos seus principais marcos temporais está presente²: Nelson Traquina (1997), Francisco Rui Cádima (1999), Helena Sousa e Manuel Pinto (2004), Felisbela Lopes (2007), Alberto Arons de Carvalho (2009), Manuel Pinto e Felisbela Lopes (2009), Jacinto Godinho (2009), Nilza Mouzinho de Sena (2009), Eduardo Cintra Torres (2011).

2 Cf. Cádima, R. (2010) «Televisão, Cidadania e «História Única». Uma Análise da Bibliografia Portuguesa sobre o Jornalismo Televisivo em Portugal». https://www.researchgate.net/publication/277711854_Televisao_Cidadania_e_Historia_Unica_Uma_Analise_da_Bibliografia_Portuguesa_Sobre_o_Jornalismo_Televisivo_em_Portugal/stats#fullTextFileContent

Podemos afirmar que os dois primeiros momentos relevantes da RTP estão ligados ao início das suas emissões regulares, em 1957 e, posteriormente, ao arranque do segundo canal. “Emitindo a nível nacional apenas a partir de meados dos anos 60, só em finais de 1968 (25 de Dezembro) a RTP vê nascer o seu segundo canal — a RTP-2” (Cádima, 1999, p. 31).

A produção científica tem sido prolífera, não só com enfoque na estação pública, mas também baseada em estudos comparativos que a incluem. Um desses estudos é o de Felisbela Lopes (2007), que centrou a investigação realizada no âmbito do seu doutoramento na caracterização de programas de informação semanal dos canais generalistas — RTP1, SIC e TVI -, entre 1993 e 2005. O interesse da investigadora coincide com o nosso no que se refere ao segmento temporal escolhido, aproximadamente, sob o prisma da coabitação dos três canais generalistas. Contudo, não foi contemplada a RTP2. Refere Felisbela Lopes: “Por ser um canal com uma programação mais segmentada e dirigida a públicos minoritários, excluimos a RTP2” (2007:20). Esta opção justifica-se pelos objetivos traçados para a sua tese de doutoramento, orientados em dois níveis, como explicou:

No primeiro, procuraremos caracterizar a informação televisiva difundida semanalmente em horário nocturno entre 1993 e 2005 e, simultaneamente, avaliar a sua evolução ao longo dos primeiros anos de coabitação da TV pública/TV privada. (...) No segundo nível, é nosso propósito conhecer com mais pormenor a esfera pública televisiva desenhada nos *plateaux* de determinados programas de informação semanal. Se do primeiro nível resulta o esboço global da oferta televisiva desse tipo de programação, no segundo nível procuraremos conhecer os actores que ocuparam as cenas mediáticas e as temáticas exploradas em programas de conversação televisiva (debates, grandes-entrevistas ou *talk shows*) (Lopes, 2007, p. 21).

Considerar a RTP2 nesse estudo comparativo seria, portanto, desajustado aos propósitos da investigação académica.

O nosso objetivo é distinto por pretendermos captar o posicionamento da RTP2 num período conturbado, inicialmente marcado pela concorrência entre a RTP1 e os canais privados. Optámos por incluir o ano de 1992, quando se iniciam as emissões da SIC, e marcar o término em 2001, ano em que o panorama televisivo português conhece outra novidade e lança novos desafios: surge o primeiro canal de notícias, a SIC Notícias.

Não são em grande número os trabalhos académicos desenvolvidos especificamente sobre o segundo canal da RTP. Assinalamos o artigo de Gabriela Borges, de 2006, realizado no âmbito do seu pós-doutoramento, “Televisão e cidadania: a participação da sociedade civil na 2:”, centrado na análise da qualidade de três programas — *Causas Comuns*, *Tudo em Família* e *Nós* -, no período de uma das reestruturações do canal, em 2003. Sobre a qualidade e relevância social dos programas analisados, conclui:

Se considerarmos a efetiva participação da sociedade civil na 2, é possível constatar que nos três programas analisados temos a presença de diversas instituições sociais na produção,

com o fornecimento de temas, pessoal qualificado para discutir os temas propostos durante os programas e material de apoio (Borges, 2006, p. 11).

Gabriela Borges deu continuidade à investigação sobre a programação do segundo canal da RTP e no ano seguinte, em 2007, publicou “Questões de qualidade na RTP2 de Portugal: uma análise dos programas Kulto e Pica”. Nas considerações finais, a autora afirma:

Os programas Kulto e Pica mostram-se como uma “lufada de ar fresco” no panorama audiovisual português, principalmente no que diz respeito à oferta de programas dedicados ao público infanto-juvenil. Alguns aspectos positivos são dignos de nota, em especial a função exercida pelo serviço público de televisão na promoção da educação para os media. Estes dois programas mostram que é possível educar, entreter, informar e, mais que isso, capacitar as crianças e adolescentes de uma forma divertida e descontraída, mas nem por isso menos responsável (Borges, 2007, pp.11-12).

Foi também sobre a programação infantojuvenil da RTP2, comparada com a do canal público espanhol La 2, que incidiu a pesquisa de Mercedes Román e Erika Fernández, e que deu origem ao artigo “Comparative analysis of television shows aimed at children and young people broadcast by the Spanish and Portuguese second public channels: La 2 and RTP2” (2012). Os resultados da pesquisa permitiram às autoras destacar que os dois canais dedicavam mais tempo a programas infantis do que a programas juvenis. Segundo a perspectiva das investigadoras, ambos deveriam reforçar a oferta de programas para jovens.

Quando se debate o serviço público de televisão, a RTP tem sobre si uma incontornável responsabilidade, observada e escrutinada por muitos investigadores. Um dos momentos em que a discussão sobre o rumo da RTP, enquanto prestador de serviço público, esteve em especial evidência respeita ao ano de 2003 (a que já aludimos), quando o segundo canal (à época, 2:) foi aberto à sociedade civil, depois de “afastada a polémica sobre o segundo serviço de programas (RTP2), que o Governo tinha admitido alienar ou mesmo encerrar” (Carvalho, 2009, p. 388).

Foi neste contexto que Helena Sousa e Manuel Pinto procuraram aferir o grau de abertura à sociedade civil do segundo canal da RTP. Os autores sintetizaram desta forma as suas conclusões:

Em resumo, pode argumentar-se que o governo desenvolveu uma retórica de “comunicação directa” (cidadão a cidadão; sociedade civil a sociedade civil) mas, apesar de poucas dimensões interessantes, isto ainda está longe de qualquer modelo consistente. É muito provável que as assimetrias sociais sejam replicadas no canal 2: porque a “abertura participativa” não parece ser consistente com um acesso equilibrado ao novo meio (Sousa & Pinto, 2004, p. 18).

A qualidade da oferta da RTP2 e o cumprimento dos valores de serviço público que a devem orientar foi a temática tratada por Mariana Augusto (2018), na sua dissertação de mestrado intitulada “Os conteúdos formativos nas grelhas de programação da RTP2 (2003 a

2017)”. A autora conclui que a qualidade da RTP2, nos últimos 15 anos, ficou comprometida devido a conteúdos pouco diversificados, mas que, ainda assim “se apresenta como um canal relevante na propagação de conteúdos formativos para todos os públicos e comprometido com a distribuição de cultura e conhecimento, ainda que não de forma ideal” (2018, p. 3).

Possivelmente, por existir uma conceção da RTP2 não centrada na área da informação jornalística, a produção académica circunscrita a este canal tem versado mais a difusão de outro tipo de programas, nomeadamente infantojuvenis, como percebemos pelo exposto anteriormente.

Para além da produção académica, não podemos ignorar a forma como a própria RTP tem dado a conhecer a sua história, nomeadamente no seu *site*, onde podemos consultar a obra de Vasco Hogan Teves, que trabalhou muitos anos na área de informação da RTP, alguns dos quais em cargos de chefia. Os 50 primeiros anos da RTP estão documentados com exaustividade e detalhes que suscitam o interesse de qualquer académico que estude o fenómeno televisivo português. Trata-se de “um bom exemplo de um intenso trabalho de inventariação de dados realizado fora do âmbito académico” (Godinho, 2011, p. 269). Acompanhamos, também, Felisbela Lopes, ao afirmar que essa documentação não académica constitui “uma espécie de repositório a partir do qual poderemos iniciar um qualquer projecto de investigação” (2009, p. 11).

Destacamos um excerto da referida obra de Vasco Hogan Teves, a propósito do período em que a RTP se preparava para a concorrência ³:

O lançamento das novas grelhas de programas para os 2 canais, um mês antes da TV privada entrar no cenário televisivo nacional (e, como pareceu natural, sob forte suporte publicitário na imprensa) motivou a RTP a pôr em marcha a sua própria campanha que, no Canal 1, apostava nas suas “caras” de ecrã (“a TV desta gente toda é igualzinha à sua / Canal 1, a TV de todos os portugueses”) e numa selecção de programas, também espalhada por páginas duplas (“Canal 1 / o primeiro de sempre, melhor do que nunca”), mas onde, sobretudo, se proclamava com slogan supremo: “Canal 1 — o primeiro”. A TV2, por seu turno, assumia-se, genericamente, como “a outra TV” (“nasceu uma nova TV / e é a sua cara”) e, na sequência de anúncio — diga-se que de gosto bastante duvidoso: uma montagem fotográfica que mostrava uma mulher grávida de um ecrã de Televisão — abria janelas sobre próximos conteúdos (“atrações para todos os gostos / cultura, diversão, informação, ficção e desporto”). Isto sem dispensa de uma mensagem (ou um compromisso?) cuja oportunidade era evidente mas não, pela certa, em relação ao canal 1: “TV2 uma TV que não entra em guerra com ninguém, pois vive em paz com toda a gente”.

3 <https://museu.rtp.pt/livro/50Anos/Livro/DecadaDe90/RTPUmaAntenaParaOMundo/Pag9/default.htm>

Metodologia e Ferramentas de Investigação

Importa referir, antes de avançarmos sobre o processo investigativo deste projeto, que a estrutura inicial planeada para desenvolver este estudo foi alterada significativamente por motivos ligados à questão sociopolítica do ano de 2020. Esta nova realidade, que afetou e afeta ainda hoje tantas outras investigações, fez com que não fosse possível consultar presencialmente os arquivos da RTP e, neste sentido, foi necessário repensar a nossa abordagem investigativa. Apesar desta limitação, os membros da equipa do arquivo da RTP foram ainda assim uma ajuda fundamental já que nos providenciaram vários documentos relativos aos anos em análise deste estudo⁴. Destes documentos recebidos destacam-se os Anuários e os Relatórios e Contas da RTP, documentos esses que incluíam igualmente informações sobre o segundo canal da RTP e que foram extremamente úteis para perceber o desenvolvimento dos programas, audiências e políticas ao longo dos dez anos em análise. Ao mesmo tempo, toda esta documentação irá servir também para o trabalho de maior amplitude a desenvolver, como referido anteriormente.

Ainda assim, ao analisarmos estes documentos percebemos imediatamente que seria impossível desenvolver este estudo apenas com estes recursos, pois nenhum destes documentos referia o horário em que cada programa era emitido na televisão. Reiteramos que o foco deste estudo incide nos programas de informação do horário nobre do segundo canal da RTP, por isso era necessário ter uma ideia exata dos tempos de emissão na grelha televisiva. Após considerarmos as nossas opções, e ainda com a impossibilidade de aceder ao arquivo da RTP presencialmente, decidimos que o melhor passo seria o de consultar as revistas de programação de televisão dos anos 90 e de fotografar toda a programação diária do segundo canal a partir 1992 a 2002, inclusive.

Neste ponto da investigação, e para começar este trabalho, decidimos que uma boa opção seria a de trabalhar com o arquivo da Biblioteca Nacional, pois no seu espólio havia pelo menos três revistas possíveis a consultar: TV 7 Dias, TV Guia e TV Mais. Destas três revistas, eliminámos a TV Mais por ter começado a publicação em 1993; e entre a TV 7 Dias e a TV Guia escolhemos a primeira por ter mais números disponíveis para consulta no arquivo da Biblioteca Nacional (ambas as revistas possuem alguns números não disponíveis e/ou ausentes no arquivo). Passámos, então, ao processo de fotografar a capa e a programação de cada exemplar desta revista semanal, que resultou em mais de quatro mil fotos que foram depois catalogadas e organizadas, sempre com o foco principal na programação do segundo canal da RTP e com o propósito de evidenciar os programas de informação conduzidos por jornalistas, emitidos no horário nobre.

4 Os nossos agradecimentos a Pedro Jorge Braumann e à equipa que coordena, na RTP.

Delineada a metodologia, criou-se uma grelha Excel com diferentes parâmetros, sendo eles: *Ano, Canal, Nome do Programa, Dia da semana/Hora, Duração média de cada Emissão, Periodicidade, Tempo Total (por ano), Jornalista(s) que conduz(em), Temática e Descrição/Tipo de Programa*. A partir desta grelha identificámos cerca de 25 programas de informação jornalística, no segundo canal da RTP, no horário nobre (não contando com os noticiários). Sendo o ponto orientador o ano de emissão, interessa referir que alguns dos programas incluídos na grelha possuíam mais do que uma entrada, dado que os mesmos estiveram no ar em diferentes anos (neste sentido, ainda que sejam 25 os programas destacados, a grelha final tinha 78 entradas). Esta repetição de cada programa nos diferentes anos permitiu-nos destacar e apontar as alterações ao longo do tempo, em particular nas secções do *Dia da Semana/Hora, Duração média de cada Emissão, Tempo Total e Jornalista(s) que conduz(em)* (já que nem sempre foi o mesmo(a) jornalista-apresentador de cada programa, ao longo do seu tempo de emissão).

Curiosamente, ao desenvolver a grelha desta forma foi possível ver a evolução de cada programa em termos do seu horário de emissão na grelha televisiva, informação essa que conseguimos graças aos dados retirados dos exemplares da revista TV 7 Dias (e que incluímos na já referida secção *Dia da Semana/Hora* da grelha Excel). Através de uma breve análise da evolução do horário de emissão de cada programa foi possível verificar, por exemplo, que um programa de horário nobre, a começar às 21 horas, terminou o seu último ano de emissão com um horário diferente: a começar às 24 horas ou à 1 hora da manhã. Esta evolução possibilitou-nos uma visão mais global e completa de cada programa. Igualmente, outro ponto interessante que assinalámos a partir da grelha foi que na segunda metade dos dez anos em causa, mais especificamente a partir do fim de 1996 e início de 1997, começaram a aparecer menos programas de teor jornalístico conduzidos por jornalistas no horário nobre. A ocupar o lugar destes programas na grelha do segundo canal da RTP surgem programas com diferentes temáticas, estando a larga maioria das vezes ligados à cultura e/ou à ciência.

Resultados e discussão

Para uma leitura contextualizada dos dados recolhidos sobre o segundo canal da RTP, será relevante referirmo-nos aos programas de informação do horário nobre da RTP1, SIC e TVI, no período sobre o qual recaiu a nossa pesquisa.

O primeiro ano de disputa pelas audiências entre a RTP e a SIC — 1992 — foi marcado por programas cuja estrutura era muito idêntica, considerando-se os parâmetros que elegemos para a realização da análise. A duração média dos programas dos dois canais era de 60 minutos (entre as 22h30 e as 23h). A RTP apostou em programas como: *Conversa Afiada* (Joaquim Letria); *Primeira Página* (Maria Elisa, entre outros); *De Caras* (José Eduardo Moniz); *Repórteres* (Artur Albarran), com reportagem e também entrevista em estúdio. Na SIC exibia-se

O Jogo da Verdade (Paulo Alves Guerra e Calos Magno) e *Conta Corrente* (Margarida Marante).

Com o início das emissões da TVI, em 1993, Portugal passava a contar com três canais de televisão generalistas. A RTP manteve os programas que tinha até essa data, mas substituiu *Primeira Página* por *A Entrevista de Maria Elisa* (pelas 20h30). Tínhamos, assim, dois grandes nomes femininos: Maria Elisa na RTP e Margarida Marante na SIC. Em 1993, a SIC passa de dois para quatro programas. Juntando *Terça à Noite* (Miguel Sousa Tavares) e *Conversas Curtas* (António Carneiro Jacinto) aos anteriores. A estação de Carnaxide iguala assim a RTP em termos numéricos, apesar de a grande aposta ser na entrevista em estúdio e não na reportagem.

A TVI estreou-se com cinco programas: *Referendo* — programa de informação em colaboração com a Universidade Católica e com a presença de convidados em estúdio, apresentado por Graça Franco. Exemplos das temáticas: aparições em Fátima, segurança nas cidades portuguesas; *Rumores* — programa de apenas 25 minutos, com reportagens variadas. Exemplos das temáticas: o segredo da sopa da pedra, superstições; *Frontal* — programa de 60 minutos sobre os factos mais marcantes da atualidade, apresentado por Paula Magalhães e Jorge Nuno Oliveira; *Olhares* — programa de 30 minutos, com entrevistas a figuras da sociedade portuguesa, apresentado por Mário de Araújo Cabral.

Artur Albarran — programa de quase 2 horas, conduzido por Artur Albarran, com debates de temas polémicos e entrevistas a figuras públicas (neste ponto refira-se por exemplo o debate com candidatos às autárquicas do Porto).

Como refere Traquina, sobre o ano de 1993, “é interessante notar que o peso da informação na programação prime time dos canais privados era superior à da RTP1 (13%): 23% na SIC, 14% na TVI” (Traquina, 1997, p. 66).

O ano de 1994 é ainda marcado por uma forte concorrência entre a RTP e a SIC. A RTP passa de 4 para 7 programas: *Coisas da Vida* — programa quinzenal, de 65 minutos, com reportagens, entrevistas e debates sobre histórias do quotidiano. Conduzido por Luís Pires e Cristina Branco. Exemplo de temática: comunidade africana em Lisboa; *À Luz da Lei* — programa quinzenal, de 55 minutos, sobre tribunais e leis, com a participação de três advogados. Conduzido por Rui Vasco Neto; *Prova Oral* — terá sido o programa mais marcante desse ano: “o programa de Informação não-diária sobre que recaíam atenções especiais, até pelos seus protagonistas, Maria Elisa e José Eduardo Moniz, era «Prova Oral», onde os 2 jornalistas chamavam à entrevista (ou ao debate) personalidades das mais marcantes da vida nacional”.⁵

Dos nove programas da SIC, destacamos dois, posicionados claramente nesta lógica de concorrência com a RTP, em 1994: *20 anos, 20 nomes* — programa de entrevistas conduzidas por Miguel Sousa Tavares (tinha saído da RTP) a protagonistas da história do país, dos últimos 20 anos; *O senhor que se segue* — programa com um formato novo. Paula Moura Pinheiro, Rita Blanco,

5 <https://museu.rtp.pt/livro/50Anos/Livro/DecadaDe90/EntreAMudancaEARrestrukturacao/default.htm>

Laurinda Alves e Clara Ferreira Alves entrevistavam uma personalidade em foco na vida nacional (sempre um homem).

A TVI só em 1995 fez uma aposta mais forte neste género de programas informativos, predominando a entrevista (como o programa *Protagonistas*, apresentado por Fernanda Mestrinho) e o debate (*Prós e Contras*, conduzido por Inês Serras Lopes).

Entre 1996 e 1999, a RTP tem três programas a destacar: *Maria Elisa* (entrevistas); *Enviado Especial* (grande reportagem, por José Manuel Barata Feyo); *Figuras de Estilo* (entrevista e debate sobre temas fraturantes, com a presença de convidados nacionais e internacionais. Apresentado por Clara Ferreira Alves e Vasco Graça Moura).

Nesse mesmo período, a SIC respondia com irreverência nos seus formatos. *A Noite da Má Língua*, conduzido por Júlia Pinheiro, terá sido o mais inovador — na presença de uma plateia participativa, eram tratados temas sociais e políticos, da atualidade, a partir de uma reportagem; *Flashback* (apresentado por Carlos Andrade); *Crossfire* (Margarida Marante e Miguel Sousa Tavares); *Grande Reportagem* (vários jornalistas); *Casos de Polícia* (Carlos Narciso, com Arrobas da Silva e Paquete de Oliveira); *Esta Semana* (Margarida Marante).

Quanto à TVI, 1996 e 1997 são anos idênticos. A reportagem marca lugar no programa *Pontos nos Is*, com Dina Soares. Em 1998 mantém-se esse programa, mas a área da informação não diária fica enfraquecida. A recuperação inicia-se em 1999, com um pendor mais popular, nos programas *Quero Justiça* (Vitor Bandarra — cidadãos indignados) e *Em Legítima Defesa* (Pedro Rolo Duarte — discussão de um tema da atualidade).

A TVI protagonizará uma mudança no panorama televisivo português, quando lança, no ano 2000, o *Big Brother*, programa de entretenimento, que lhe garante a liderança das audiências. Na informação, o investimento fica-se pelos programas *Quero Justiça* e *Especial TVI* (conduzido por Paulo Salvador. Dá-se espaço à reportagem para temáticas como a anorexia, por exemplo).

A RTP manteve a sua linha orientadora nos programas de informação, com *Grande Entrevista* (conduzido por Judite Sousa); *Maria Elisa*; *Grande Repórter* (grandes temas de atualidade abordados em reportagens da responsabilidade dos jornalistas da Direção de Informação da RTP).

Na SIC, Margarida Marante conduzia entrevistas a políticos portugueses no programa *Esta Semana*; *Toda a Verdade* apresentava reportagens e documentários sobre temas da atualidade; *Imagens Reais* (com Artur Albarran), exibia reportagens sobre temas insólitos.

Deste breve périplo pelos programas de informação do horário nobre da RTP1, SIC e TVI, extraímos como principais conclusões que de 1992 a 1995 houve uma forte concorrência entre a RTP e a SIC, com programas de informação de formato semelhante, enquanto a TVI ainda procurava o seu caminho. Em 1995, a SIC ultrapassou, pela primeira vez, a RTP nas audiências. Apresentou-se como um canal irreverente, e apostou em novos formatos informativos. Programas como *Enviado Especial* (RTP1) e *Grande Reportagem* (SIC) destacam-se pelos meios técnicos e humanos envolvidos. Na entrevista e debate, RTP1 e SIC contaram com nomes de peso — como Maria Elisa, Margarida Marante, Miguel Sousa Tavares -, emblemáticos da assunção de que era, de facto, um período de

concorrência entre as duas estações televisivas. O entretenimento foi deslocando alguns programas de informação para horários mais tardios, muitos deles emitidos por volta das 23h.

Focando-nos agora no segundo canal da RTP, os resultados obtidos com a investigação realizada ao período compreendido entre 1992 e 2001/2002 permitem-nos comprovar que a atual RTP2 teve duas fases distintas.

Na primeira fase, de 1992 a 1996, o segundo canal não mudou radicalmente em termos do investimento em programas informativos conduzidos por jornalistas no horário nobre. Programas com documentários e grandes reportagens como *Sinais do Tempo* (1988-2003) continuaram no ar com jornalistas como José Mensurado e Paulo Dentinho, sendo que nesses cinco anos houve igualmente uma aposta em novos programas. Por exemplo, surgiu o programa quinzenal *Serões na Província* (1993-1994) apresentado pelo jornalista Adriano Cerqueira, com reportagens e debates sobre os problemas de diferentes regiões nacionais; e o programa quinzenal de reportagens, entrevistas e debates chamado *Casa Comum* (1993-1994), com apresentação do jornalista Joaquim Furtado, um programa que continuou o trabalho que este jornalista já havia desenvolvido no anterior programa *Falar Claro* (1991-1992). Surgiram, igualmente, programas como *Actual Reportagem* (1994-1996), com o jornalista José Manuel Barata-Feyo a apresentar a atualidade nacional e internacional; o programa *A Semana ao Sábado* (1996-1997) com apresentação dos jornalistas José Cruz, Joana Sá Morais e Paulo Jerónimo, e comentadores em estúdio que debatiam os assuntos da semana; e o programa *Bombordo* (1996-2003, 2014-), com foco em reportagens ligadas à economia do mar e recursos da pesca. Outros programas que eram exibidos fora do *prime time* passaram a ter espaço neste horário, alternando quinzenalmente, como foi o caso do programa *Crimes* (1993-1994), com o jornalista Luís Pires a reportar casos policiais em Portugal, e o programa *Desaparecidos* (1993-1994), conduzido pelo jornalista Pedro Mariano, com reportagens e depoimentos sobre casos de pessoas desaparecidas.

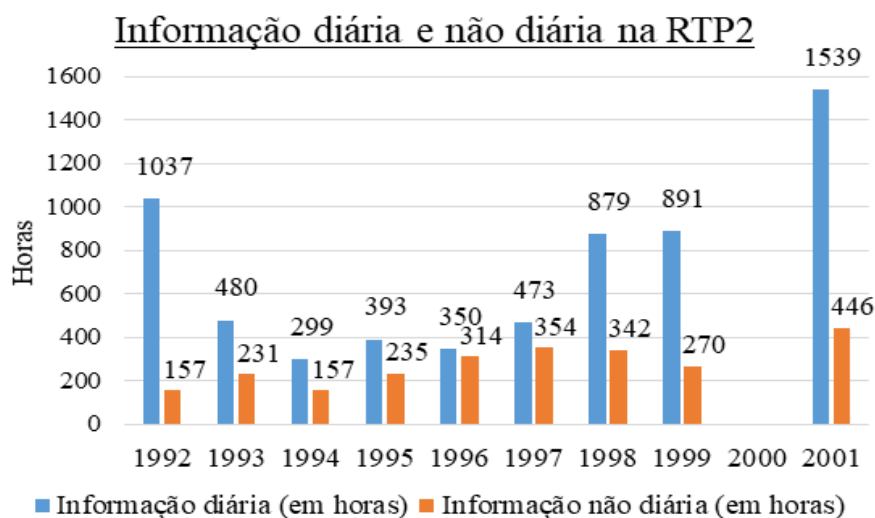
A partir do fim do ano de 1996 e início de 1997, o segundo canal da RTP sofreu uma alteração ao nível do investimento em programas de informação conduzidos por jornalistas e até ao ano de 2002 (último ano que considerámos para este estudo) a grelha televisiva deste canal mudou significativamente. O segundo canal, que era desde a sua génese um canal complementar do primeiro canal da RTP, começou a construir a sua diferença, desde logo cessando a emissão de telenovelas e de jogos de futebol e incluindo na sua grelha outras modalidades desportivas e a emissão de novos programas de teor cultural, ecológico, científico; e sempre com as minorias em consideração. Os programas conduzidos por jornalistas e ancorados em reportagens começaram a abandonar o segundo canal da RTP. De notar que no período imediatamente posterior àquele que escolhemos para esta análise surge o terceiro canal da RTP, um canal inteiramente dedicado à informação e que surgiu em 2003 com o nome RTPN (canal esse que viria a receber alguns dos programas da RTP2 e a assumir o seu perfil investigativo e de informação).

As alterações no segundo canal da RTP fazem-se sentir logo em 1996, ano em que terminam programas do horário nobre como *Crimes*, *Desaparecidos*, *Actual — Dinheiro em Caixa*,

Actual — Reportagem, Actual — Vício-Versa, A Semana ao Sábado; entre outros. Refira-se que o ano de 1996 é o último ano em que a RTP2 atinge uma audiência média diária de 10% de share⁶, sendo que este canal nunca mais recuperou valores similares nas décadas seguintes. Não podemos ignorar que estas alterações estão invariavelmente ligadas ao aparecimento da televisão privada em Portugal e à luta de audiências com a SIC — que em 1995 atinge a liderança ultrapassando a RTP1 -, e com a TVI, que viria a marcar o seu lugar no panorama televisivo nacional ao ultrapassar a RTP1 no ano de 2001. Outro fator que justifica esta necessidade de repensar o segundo canal da RTP e o investimento em novos programas prende-se à evolução das receitas e lucros deste canal. Em 1997, a RTP limitou a inserção de publicidade, com a RTP1 a ter “(...) apenas 7,5 minutos por hora (...)”⁷ e a RTP2 a eliminar a publicidade comercial da sua grelha. Todos estes factores contribuíram para a necessidade de reflectir sobre o futuro da RTP e assim, quando a 19 de dezembro de 2002 se promulga o documento *As Novas Opções para o Audiovisual*, a RTP é parte da discussão referindo-se até que esta passava na altura por uma crise de identidade.⁸

Entenda-se, contudo, que não estamos a afirmar que a RTP2, neste período de 1996 a 2002, abandonou por completo a emissão de informação na sua grelha televisiva. O gráfico 1 permite-nos uma leitura mais clara da evolução da informação diária e não diária na RTP2.

Gráfico 1
Informação diária e não diária na RTP2



Fonte: Relatórios e Contas da RTP, de 1992 a 2001

6 Fernandes, A.P. (2000). *Televisão do Público: Um Estudo sobre a Realidade Portuguesa*, p. 141. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/389>

7 Relatório e Contas da RTP, 1997, p. 12.

8 Relatório “Novas Opções para o Audiovisual”, Presidência do Conselho de Ministros, 2002, p. 6.

Note-se que por informação diária referimo-nos ao telejornal e outros programas diários informativos na grelha da RTP2 e que por informação não diária, como o próprio nome indica, referimo-nos aos programas informativos emitidos de forma irregular. Igualmente, é importante esclarecer que os programas de informação não são sempre programas de teor jornalístico e/ou de reportagem, incluindo-se nestas horas de emissão outro tipo de programas (como por exemplo, programas de meteorologia ou de temas ligados à cultura). Através deste gráfico é possível perceber que de facto a RTP2, durante o período de análise para este estudo, nunca deixou de dedicar uma larga parte do seu horário à informação diária e não diária na sua grelha de programas (sendo que não temos dados sobre o ano 2000). Aliás, como é possível distinguir ao observar este gráfico, o tempo dedicado a este tipo de informação subiu consideravelmente de 1996 em diante. Curiosamente, e como explicámos anteriormente, o tempo dedicado à informação não diária durante este período deixou de ser centrado essencialmente em conteúdos conduzidos por jornalistas e com um investimento em reportagens e investigação, havendo mais tempo dedicado a programas de teor cultural ou científico. Um olhar mais atento obriga-nos a esclarecer alguns pontos para perceber as suas alterações ao longo do tempo. Em 1998, por exemplo, o tempo dedicado à informação diária quase duplicou, comparativamente ao ano anterior; note-se que das 879 horas de emissão cerca de 330 horas foram dedicadas inteiramente à cobertura da Expo98 (logo, o salto não foi necessariamente de 473 horas para 879, mas antes para 549 horas). Já no ano de 1999 há um claro aumento de horas de emissão dedicadas à informação diária. Sublinhe-se que neste ano o Telejornal e o Jornal de Fim de Semana da RTP2 duplicaram o seu tempo de emissão comparativamente aos anos anteriores. Outro ponto curioso é o facto de no ano de 2001 o tempo dedicado à informação diária ter subido significativamente. Efetivamente, neste ano a RTP2 foi o canal português de televisão que passou mais informação, com um total anual de 1539 horas de informação diária e 446 de informação não diária. Contudo, temos de ter em conta que nesse ano o programa *Euronews* — na grelha da RTP2 —, passou de 30 horas de emissão em 1999 para 713 horas em 2001 (praticamente metade do tempo total dedicado à informação diária na RTP2 desse ano).

O que podemos concluir é que a RTP2 continuou a dedicar-se à informação neste período, ainda que não necessariamente através de programas de origem nacional ou através de programas informativos alicerçados em reportagens, conduzidos por jornalistas. Com efeito, as produções nacionais de cariz informativo neste canal alteraram-se, tendo sido dado, como referido, maior destaque a programas de cariz cultural e científico.

Conclusões

Entre 1992 e 1996, a RTP2 manteve-se, no essencial, como canal complementar da RTP1, com programas informativos no horário nobre cuja linha temática não diferia muito da que marcava a RTP1. Ainda assim, surgem novos programas no horário nobre, como *Casa Comum*, *Bombordo*, *Actual*.

A afirmação da sua diferença inicia-se em 1997 e até 2002 onde os programas da sua grelha centram-se cada vez mais em temas ligados à cultura, ciência, ambiente e outros assuntos que dificilmente seriam eleitos para o *prime time* da RTP1, da SIC ou da TVI. Como referimos, nesta segunda fase terminam vários programas informativos no horário nobre do segundo canal: *Rumo à Lua*, *A Semana ao Sábado*, *Actual — Reportagem*, *Crimes*, *Desaparecidos*. O horário nobre passa a ser ocupado por programas sobre ecologia — *Planeta Azul* -, tecnologia — *Magazine 2010* — e cultura — *O Lugar da História*.

A partir dos resultados desta investigação conseguimos perceber que na década analisada para este estudo houve de facto, ao longo dos anos, um menor investimento em programas de informação no segundo canal da RTP conduzidos por jornalistas, no horário nobre. A rota escolhida para a atual RTP2 retirou este canal da concorrência instalada nos primeiros anos da década de 90 no campo televisivo português, o que lhe permitiu afirmar a sua singularidade, sendo que os programas de informação com reportagem, entrevista e debate — que assinalámos, especialmente no confronto entre a RTP1 e a SIC — perdem lugar para outros formatos, nomeadamente para o documentário.

Concluimos assim que estes dez anos, de 1992 a 2002, foram cruciais para o desenvolvimento e consolidação da identidade do segundo canal da RTP, que conta com mais de meio século de existência no panorama televisivo português.

Referências bibliográficas

- Augusto, M. (2018). *Os conteúdos formativos nas grelhas de programação da RTP2 (2003 a 2017)* [Tese de mestrado, Universidade Católica Portuguesa]. Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/10400.14/27578>
- Borges, G. (2006). *Televisão e cidadania: a participação da sociedade civil na 2: portuguesa*. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/borges-gabriela-televisao-e-cidadania.pdf>
- Borges, G. (2007). *Questões de qualidade na RTP2 de Portugal: uma análise dos programas Kulto e Pica*. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/borges-gabriela-questoes-qualidade-rtp2.pdf>
- Cádima, F. R. (1999). *Desafios dos novos media, a nova ordem política e comunicacional*. Editorial Notícias.
- Cádima, F. R. (2010). *Televisão, Cidadania e «História Única»*. Uma Análise da Bibliografia Portuguesa Sobre o Jornalismo Televisivo em Portugal. https://www.researchgate.net/publication/277711854_Televisao_Cidadania_e_Historia_Unica_Uma_Analise_da_Bibliografia_Portuguesa_Sobre_o_Jornalismo_Televisivo_em_Portugal/stats#fullTextFileContent
- Carvalho, A. A. (2009). *A RTP e o Serviço Público de Televisão*. Almedina.
- Fernandes, A. P. (2000). *Televisão do Público: Um Estudo sobre a Realidade Portuguesa*. <http://hdl.handle.net/10071/389>
- Godinho, J. (2011). Estado da Arte da Investigação sobre Jornalismo Televisivo. *Alicerces*. Edições Colibri / Instituto Politécnico de Lisboa, 267-276. https://www.ipl.pt/sites/default/files/alicerces_4.pdf
- Godinho, J. (2009). *As origens da reportagem*. Livros Horizonte.
- Lopes, F. (2007). *A TV das elites: estudo dos programas de informação semanal dos canais generalistas: 1993-2005*. <http://hdl.handle.net/1822/41122>
- Pinto, M. (Coord.) (2005). *Televisão e cidadania. Contributos para o debate sobre o serviço público*. <http://hdl.handle.net/1822/41881>
- Román, M. & Fernández E. (2012). Comparative analysis of television shows aimed at children and young people broadcast by the Spanish and Portuguese second public channels: La 2 and RTP2. *Communication & Society*, XXV (2), 375-410. <https://revistas.unav.edu/index.php/communication-and-society/article/view/36173/30697>
- Sena, N. M. de. (2009). A evolução da grelha programática pré- e pós-Telejornal (1959-2009). *Comunicação e Sociedade*, 15, 127-147. [https://doi.org/10.17231/comsoc.15\(2009\).1048](https://doi.org/10.17231/comsoc.15(2009).1048)
- Sousa, H. & Santos, L.A. (2003). RTP e serviço público: um percurso de inultrapassável dependência e contradição. In Pinto, M. (Coord.). *Televisão e cidadania: contributos para o debate sobre o serviço público* (pp. 61-80). <http://hdl.handle.net/1822/1002>
- Sousa, H. & Pinto, M. (2004). *The Economics of Public Service Television and the Citizenship Rhetoric*. <http://hdl.handle.net/1822/1003>
- Torres, E. C. (2011). *A televisão e o serviço público*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Traquina, N. (1997). *Big show media — viagem pelo mundo do audiovisual português*. Editorial Notícias.

Outras fontes

- Relatório e Contas da RTP, de 1967 a 2002.
- Relatório “Novas Opções para o Audiovisual”, Presidência do Conselho de Ministros, 2002.
- RTP — 50 anos de história: <https://museu.rtp.pt/livro/50Anos/Livro/DecadaDe50/default.htm>